

ITALIANOS IMPRESSOS NO BRASIL. SUBSÍDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA

MAURÍCIO SANTANA DIAS*

COMPARADO À HISTÓRIA da editoração na América hispânica ou inglesa, o empreendimento do livro no Brasil é algo bastante recente, que não completou ainda dois séculos. Com as raras exceções dos prelos jesuítas em atividade no século XVIII, imprensa, tipografias e editoras, bem como universidades, só começaram a funcionar de forma regular no país após a vinda da família real para o Rio de Janeiro, em 1808.

Além desse entrave de ordem material, resultante do excessivo centralismo da coroa portuguesa, outro dado que precisa ser levado em conta preliminarmente neste bosquejo bibliográfico, e que em parte explica a escassez de obras traduzidas e publicadas no Brasil durante o século XIX e início do XX, é que grande parte do público letrado da época lia diretamente em língua estrangeira, sobretudo nas línguas neolatinas francês, italiano e espanhol. Ou seja, o grosso das publicações que circulavam no território nacional vinha de fora ou, em menor parte, eram editadas aqui, mas diretamente em língua estrangeira.

* Graduiu-se em Letras e concluiu o mestrado na área de Teoria Literária na UFRJ. Foi pesquisador visitante da Georgetown University (Washington, DC), doutorou-se, com tese sobre a poesia de Cesare Pavese, em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP, onde atualmente é professor de Literatura Italiana. Como tradutor e crítico, vem trabalhando com as obras de Giacomo Leopardi, Guido Morselli, Primo Levi, Giulio Carlo Argan, Giuseppe Berto, Cesare Pavese e Luigi Pirandello.

Basta pensar que o primeiro best-seller da literatura brasileira, *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, teve suas quatro primeiras edições tiradas em Portugal, entre 1792 e 1800, e só seria publicado no Brasil pela Impressão Régia em 1812. Sabemos que contemporâneos de Gonzaga, como Cláudio Manuel da Costa e o Alvarenga, traduziram respectivamente Pietro Metastasio e Andrea Maffei, mas evidentemente não os editaram na colônia por falta de casas impressoras, que eram proibidas e implacavelmente perseguidas¹. De resto, todas as livrarias comerciais – que não eram muitas – e bibliotecas particulares, bem como as de instituições religiosas ou administrativas do Brasil colônia, eram constituídas de volumes impressos sobretudo na Europa.

Dentro desse contexto de relativo atraso, a edição de autores italianos no Brasil, traduzidos para o português, não poderia deixar de ser tardia, especialmente quando se pensa que no século XIX os principais centros de cultura eram França e Inglaterra.

Na falta de uma bibliografia específica e exaustiva de autores italianos editados no país – poetas, romancistas, dramaturgos, ensaístas, filósofos, historiadores, cientistas etc. –, o que se pretende com este breve informe é fornecer alguns subsídios para um trabalho ainda a ser feito, que demandará tempo e uma equipe numerosa de pesquisadores.

Para este esboço, várias obras de referência foram consultadas, em especial o importante estudo *O livro no Brasil* (Edusp, 2005), de Laurence Hallewell, e os sete volumes da *História da inteligência brasileira*, de Wilson Martins, obra monumental lançada em 1977 pela Editora da USP e Cultrix e reeditados pela T.A. Queiroz nos anos 1990. Muito útil, também, foram os acervos da Biblioteca Nacional (www.bn.br), bem como o recente *Dicionário de tradutores*

¹ Há, porém, no acervo da Biblioteca Nacional, uma tradução do *Catão de Metastasio*, publicada em 1860 pelo editor B.X. Pinto de Sousa, sem indicação de tradutor.

literários no Brasil, elaborado pelo Programa de Estudos de Pós-Graduação em Tradução PGET-UFSC, (www.dicionariodetradutores.ufsc.br), além da consulta às páginas de várias editoras, arquivos, livrarias e sebos disponíveis na internet ou em catálogos impressos.

*
* *

Não é fácil datar com precisão o momento em que a incipiente indústria editorial brasileira começou a publicar com regularidade textos de autores italianos em língua portuguesa, mas o editor, livreiro e tradutor Francisco Alves talvez tenha sido um dos primeiros a divulgá-los de modo mais sistemático no país, com sua antologia *Trechos dos autores clássicos*, que trazia alguns excertos de italianos ilustres e foi lançada em meados dos anos 1880, sob o pseudônimo de Guilherme do Prado. Outro grande êxito editorial de Francisco Alves foi o lançamento, em 1894, do clássico infanto-juvenil *Coração*, de Edmondo de Amicis, reimpresso sucessivamente. Aliás, vale lembrar que a Francisco Alves é a única das antigas editoras que sobrevive com o mesmo nome.

Antes dele, Luiz Vicente De Simoni havia publicado, em 1842, sua tradução da tragédia *Francisca de Rimini*, de Silvio Pellico, e os *Gemidos poéticos sobre os túmulos; ou Carmes epistolares de Hugo Foscolo, Hypolito Pindemonte e João Porti, sobre os sepulchros*, editado no Rio de Janeiro pela Typographia J. Villeneuve². No ano seguinte, em 1843, a tragédia *Virgi-*

² Vale lembrar que De Simoni foi também o organizador da antologia *Ramalhete poético do Parnaso italiano*, publicada em 1843 pela mesma Typographia J. Villeneuve. Consulte-se a respeito o estudo de Rita Marnoto, “Ramalhete poético do Parnaso italiano: A língua portuguesa como arauto da poesia italiana na América do Sul”, apresentado no congresso internacional *Il Portogallo e i mari: Un-incontro tra culture*. Atti a cura di Maria Luisa Cusati. Napoli: Istituto Universitario Orientale, Liguore editore, 15-17 de dezembro 1994, pp. 241-260.

nia de Vittorio Alfieri foi traduzida por André Pereira Lima para a Typographia de M. J. Cardoso. Na mesma década de 1840, mais precisamente em 1849, saiu pela Typographia Francisco de Paula Brito a peça de Andrea Maffei *Os salteadores: melodrama em quatro partes para se representar com música de Giuseppe Verdi*, sem crédito de tradução.

Pouco mais tarde, em 1877, a famosa Typographia do Globo, que já editara Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo, publicou *Galileu: drama histórico em quatro atos*, de autoria de Gaetano Monticini, traduzido e prefaciado por J.B. Canetto e Arthur Costa. Entre os outros poucos italianos traduzidos no Brasil do século XIX, temos ainda o curioso livro de Cesare Lombroso *A litteratura e a religião dos criminosos*, prefaciado – e possivelmente traduzido – por Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araújo, provavelmente para atender aos estudantes da Faculdade de Direito de Olinda. A obra foi editada pela Typographia Economica em 1888, no Recife, um ano antes da proclamação da República.

O iluminista e teórico italiano do direito Cesare Beccaria só foi traduzido e editado no Brasil no século XX, talvez porque nossos estudantes de jurisprudência e filosofia o lessem diretamente em italiano ou quem sabe em edições francesas; a outra hipótese, menos otimista, é a de que não o lessem em absoluto. O fato é que em 1937 a editora Athena, do Rio de Janeiro, publicou o clássico *Dos delitos e das penas*, em tradução de Paulo M. Oliveira³, livro que tem sido sucessivamente reeditado em diversas traduções. Naquele mesmo ano de 1937, ano da instauração do Estado Novo no Brasil, a editora Irmãos Pongetti, também sediada no Rio, publicava a *Crítica a O capital de Karl Marx*, do economista e sociólogo Vilfredo Pareto, em tradução de Luiz Nogueira de Paula.

³ Um ano antes, Paulo Oliveira havia traduzido para a mesma editora *A cidade do sol*, de Tommaso Campanella.

Empreendimento de fôlego foi a publicação dos 32 volumes da *História universal* de Cesare Cantù⁴, levada a cabo pelo editor Saverio Fittipaldi, da Edameris, nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. Na mesma época, em 1948, o Instituto Progresso Editorial lançou a *História da literatura italiana* de Attilio Momigliano, com tradução de Luís Washington e Antonio D'Elia.

Um dos principais filósofos e intelectuais italianos do século XX, Benedetto Croce, teve uma edição brasileira do seu *Breviário de esthetica* publicada provavelmente em fins da década de 1910 (ed. Athena, trad. de Miguel Ruas) e, bem mais tarde, a mesma obra ganhou nova edição pela Ática, na tradução de Rodolfo Ilari, 1997). Outras obras suas lançadas no Brasil foram *Materialismo histórico e concepção marxista* (ed. Ipê, 1948, sem indicação de tradutor), *A poesia* (ed. da UFRGS, trad. de Flávio Loureiro Chaves, 1967) e *História, pensamento e ação* (Ed. Zahar, trad. de Darcy Damasceno, 1962). No entanto, a *Estetica* de Croce ainda está por ser editada no país.

A propósito da Zahar, que desde os anos 50 tem tido um papel relevante na difusão de obras de ciências sociais e políticas, a editora também publicou em 1958 a *História das doutrinas políticas desde a antiguidade*, de Gaetano Mosca, com tradução de Marco Aurélio de Moura Matos.

Já Francesco De Sanctis, mestre de Croce e o principal crítico e historiador da literatura italiana no século XIX, ainda está por merecer maior atenção por parte dos editores brasileiros. Uma das poucas obras suas lançadas no país, senão a única, foi a coletânea de *Ensaio crítico*, em tradução de Antonio Lázaro de Almeida Prado (Ed. Nova Alexandria, 1993).

⁴ A *História* de Cantù já havia tido uma edição reduzida, em 20 v., publicada pela Empresa Literária Fluminense provavelmente em fins do século XIX, sob a coordenação de Antonio José Ennes.

A mesma lacuna se observa em relação ao importante pensador e revolucionário do *Risorgimento* italiano, Giuseppe Mazzini, escassamente editado no Brasil. Uma das raras publicações suas no país é *Deveres do homem*, lançada em 1938 pela Companhia Brasil Editora sem indicação de tradutor.

Mais estranho ainda é o caso de Carlo Goldoni, populárrimo nos teatros brasileiros e internacionais, mas pouco editado por aqui. Aquela que é talvez sua mais célebre comédia, *La locandiera*, recebeu em 1965 uma tradução de Itália Fausta pela editora Brasiliense, que publicou a peça com o título de *Mirandolina*. Em 1976, foi a vez de a Abril Cultural publicar *Arlequim, servidor de dois amos*, traduzida por Elvira Rina Malerbi Ricci.

Capítulo à parte mereceriam as traduções da *Divina comédia* de Dante Alighieri. Uma das primeiras versões da obra-prima de Dante lançada no Brasil foi feita por Francisco Bonifácio de Abreu, o Barão da Vila da Barra, publicada em 1887 no Rio de Janeiro pela Imprensa Nacional. Mais conhecidas e reeditadas são as traduções completas assinadas por J. P. Xavier Pinheiro (Livraria Jacinto, 1919), Cristiano Martins (Itatiaia, 1976) e, mais recentemente, a de Italo Eugenio Mauro (Ed. 34, 1998).

Mas este registro estaria em grande falta se não citasse ao menos as traduções parciais da *Comédia* feitas por Machado de Assis (canto XXV do *Inferno*), Henriqueta Lisboa (*Cantos de Dante*, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1970), Dante Milano (cantos V, XXV e XXXIII do *Inferno*, no volume *Poesia e prosa*, Civilização Brasileira, 1979), Haroldo de Campos⁵ (*Dante: 6 cantos do Paraíso*, ed. Fontana, s.d.), Augusto de Campos (as 20 primeiras estrofes do canto I e o canto V do *Inferno*, em *O anticrítico*, Companhia das Letras, 1986) e Jorge Wanderley (*Inferno*, Record, 2004).

⁵ Haroldo de Campos também traduziu e comentou as *Rime petrose* no volume *Pedra e luz na poesia de Dante*, Imago, 1998.

Em 1945, Jamil Almansur Haddad traduziu uma seleta do *Cancioneiro* de Francesco Petrarca (Ed. José Olympio) e, na década seguinte, algumas novelas do *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, lançado com o título de *Histórias galantes*. Vale lembrar que o mesmo Haddad verteu para o português *Poesias escolhidas* de Giosuè Carducci (ed. Opera Mundi, 1973).

A propósito de Boccaccio, cabe ressaltar a edição completa do *Decamerão* editada em 1970 pela Hemus e Abril Cultural e assinada pelo onívoro tradutor e jornalista Torrieri Guimarães, também responsável por traduções de Maquiavel, Beccaria, Descartes, Kierkegaard, Kafka e outros.

Só recentemente foram editadas no Brasil obras fundamentais da literatura italiana, tais como: a *Jerusalém libertada* de Torquato Tasso (ed. Topbooks, 1998, na antiga tradução de 1864 do português José Ramos Coelho), *A ciência nova* de Giambattista Vico (ed. Record, 1999, trad. de Marco Lucchesi) e parte do *Orlando furioso* de Ludovico Ariosto (Ed. Ateliê, 2002, trad. de Pedro Garcez Ghirardi).

Outros dois clássicos do século XVI receberam há pouco traduções integrais, ambos editados pela Martins Fontes, a saber: *O cortesão*, de Baldassare Castiglione, traduzido por Nilson Moulin e lançado em 1997; e *Galateo ou dos costumes*, em tradução de Edileine Vieira Machado, publicado em 1999.

Caso semelhante é o de Galileu Galilei, que em 2001 teve seu *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano* editado pela Discurso Editorial, na tradução de Pablo Rubén Mariconda, que há mais de duas décadas vem se dedicando ao estudo do fundador da ciência moderna e de quem já havia traduzido outros textos, entre eles as *Duas novas ciências*, lançado pela Nova Stella em 1988.

Do poeta Giovanni Pascoli, precursor da lírica moderna na Itália, há uma tradução feita por Aloysio de Castro editada pela Imprensa Nacional em 1933. Quatro anos mais tarde, em 1937, Castro publicaria sua tradução dos *Cantos*

A mesma lacuna se observa em relação ao importante pensador e revolucionário do *Risorgimento* italiano, Giuseppe Mazzini, escassamente editado no Brasil. Uma das raras publicações suas no país é *Deveres do homem*, lançada em 1938 pela Companhia Brasil Editora sem indicação de tradutor.

Mais estranho ainda é o caso de Carlo Goldoni, populárrimo nos teatros brasileiros e internacionais, mas pouco editado por aqui. Aquela que é talvez sua mais célebre comédia, *La locandiera*, recebeu em 1965 uma tradução de Itália Fausta pela editora Brasiliense, que publicou a peça com o título de *Mirandolina*. Em 1976, foi a vez de a Abril Cultural publicar *Arlequim, servidor de dois amos*, traduzida por Elvira Rina Malerbi Ricci.

Capítulo à parte mereceriam as traduções da *Divina comédia* de Dante Alighieri. Uma das primeiras versões da obra-prima de Dante lançada no Brasil foi feita por Francisco Bonifácio de Abreu, o Barão da Vila da Barra, publicada em 1887 no Rio de Janeiro pela Imprensa Nacional. Mais conhecidas e reeditadas são as traduções completas assinadas por J. P. Xavier Pinheiro (Livreria Jacinto, 1919), Cristiano Martins (Itatiaia, 1976) e, mais recentemente, a de Italo Eugenio Mauro (Ed. 34, 1998).

Mas este registro estaria em grande falta se não citasse ao menos as traduções parciais da *Comédia* feitas por Machado de Assis (canto XXV do *Inferno*), Henriqueta Lisboa (*Cantos de Dante*, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1970), Dante Milano (cantos V, XXV e XXXIII do *Inferno*, no volume *Poesia e prosa*, Civilização Brasileira, 1979), Haroldo de Campos⁵ (*Dante: 6 cantos do Paraíso*, ed. Fontana, s.d.), Augusto de Campos (as 20 primeiras estrofes do canto I e o canto V do *Inferno*, em *O anticrítico*, Companhia das Letras, 1986) e Jorge Wanderley (*Inferno*, Record, 2004).

⁵ Haroldo de Campos também traduziu e comentou as *Rime petrose* no volume *Pedra e luz na poesia de Dante*, Imago, 1998.

Em 1945, Jamil Almansur Haddad traduziu uma seleta do *Cancioneiro* de Francesco Petrarca (Ed. José Olympio) e, na década seguinte, algumas novelas do *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, lançado com o título de *Histórias galantes*. Vale lembrar que o mesmo Haddad verteu para o português *Poesias escolhidas* de Giosuè Carducci (ed. Opera Mundi, 1973).

A propósito de Boccaccio, cabe ressaltar a edição completa do *Decamerão* editada em 1970 pela Hemus e Abril Cultural e assinada pelo onívoro tradutor e jornalista Torrieri Guimarães, também responsável por traduções de Maquiavel, Beccaria, Descartes, Kierkegaard, Kafka e outros.

Só recentemente foram editadas no Brasil obras fundamentais da literatura italiana, tais como: a *Jerusalém libertada* de Torquato Tasso (ed. Topbooks, 1998, na antiga tradução de 1864 do português José Ramos Coelho), *A ciência nova* de Giambattista Vico (ed. Record, 1999, trad. de Marco Lucchesi) e parte do *Orlando furioso* de Ludovico Ariosto (Ed. Ateliê, 2002, trad. de Pedro Garcez Ghirardi).

Outros dois clássicos do século XVI receberam há pouco traduções integrais, ambos editados pela Martins Fontes, a saber: *O cortesão*, de Baldassare Castiglione, traduzido por Nilson Moulin e lançado em 1997; e *Galateo ou dos costumes*, em tradução de Edileine Vieira Machado, publicado em 1999.

Caso semelhante é o de Galileu Galilei, que em 2001 teve seu *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano* editado pela Discurso Editorial, na tradução de Pablo Rubén Mariconda, que há mais de duas décadas vem se dedicando ao estudo do fundador da ciência moderna e de quem já havia traduzido outros textos, entre eles as *Duas novas ciências*, lançado pela Nova Stella em 1988.

Do poeta Giovanni Pascoli, precursor da lírica moderna na Itália, há uma tradução feita por Aloysio de Castro editada pela Imprensa Nacional em 1933. Quatro anos mais tarde, em 1937, Castro publicaria sua tradução dos *Cantos*

de Giacomo Leopardi, pela Typographia do Senado... de Roma. No entanto, em 1934 Mario Gracioti já havia publicado pela editora Latina de São Paulo o volume *Poemas de Giacomo Leopardi*.

Dez anos antes, em 1923, a editora Tisi & Cia., de Antonio Tisi, também proprietário da Livraria Italiana no largo de S. Bento, em São Paulo, deu início a uma das primeiras séries dedicadas exclusivamente às letras italianas: a “Collecção Italica”, dirigida por Nicolau Nazo. Entre seus primeiros títulos, constavam a *História de Cristo*, de Giovanni Papini (trad. de Francisco Prati), *O defunto Mathias Pascal*, de Luigi Pirandello (trad. de Candido Motta Filho), e *A virgem dos rochedos*, de Gabriele D’Annunzio (trad. de Pedro Basile). Outros italianos publicados pela Tisi, que depois passou a se chamar Rede Latina Editora, foram os futuristas Filippo Tommaso Marinetti, Ardengo Soffici e Aldo Palazzeschi.

Empreendimento editorial mais bem sucedido e em plena atividade é a recente coleção “Letras Italianas”, da editora Berlendis & Vertecchia, que desde o ano de 2000 já publicou mais de trinta títulos, entre os quais três volumes das *Novelas para um ano*, de Luigi Pirandello (dois traduzidos por Bruno Berlendis e um por mim), *A Ilha de Arturo*, de Elsa Morante, traduzido por Loredana Caprara, e *Érica e seus irmãos*, de Elio Vittorini, traduzido por Liliana Laganá.

Cabe ainda destacar a importante atividade editorial de Henrique Bertaso e Érico Veríssimo entre os anos 1930 e 40, à frente da editora Globo, de Porto Alegre. Na famosa “Coleção Nobel”, eles editaram, entre muitos outros autores estrangeiros, obras de Luigi Pirandello e Giovanni Papini.

Outro grande escritor e pioneiro da moderna indústria editorial brasileira deve ser lembrado aqui: Monteiro Lobato. Diretor e, em 1916, proprietário da *Revista Brasileira*, fundador da Monteiro Lobato & Cia. (1920-25) e, depois, da Companhia Editora Nacional (1925), Lobato foi responsável não só pela publicação de escritores brasileiros como

Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Paulo Mendes Campos e tantos outros, mas também pela divulgação de muita literatura estrangeira, sobretudo na área de livros infanto-juvenis e para-didáticos. Ele mesmo se incumbiu da tradução ou adaptação de mais de uma centena de títulos, entre os quais *Mowgli*, de Rudyard Kipling, *A ilha do tesouro*, de Robert L. Stevenson, e um dos principais clássicos da literatura italiana, o *Pinóquio* de Carlo Collodi, reeditado em 2002 pela Companhia das Letras, em tradução de Marina Colasanti.

Nos anos 1970, a Abril Cultural também contribuiu com a divulgação de autores italianos, tanto na coleção “Os Pensadores”, que editou obras de Galileu Galilei, Tommaso Campanella, Giordano Bruno e do economista Piero Sraffa, quanto na série “Os Imortais da Literatura Universal”, que publicou o *Decamerão* de Boccaccio, na já citada tradução de Torrieri Guimarães, *Os Noivos* de Alessandro Manzoni, *O falecido Matias Pascal*, de Pirandello, *A pele*, de Curzio Malaparte e *A romana*, de Alberto Moravia⁶.

Papel fundamental exerceu, entre os anos 1960 e 70, a editora Civilização Brasileira, sob a direção de Ênio Silveira. No início da década de 70, enquanto era perseguida pelo regime militar, a Civilização respondia por cerca de 20% do mercado brasileiro de ficção e outro tanto de não-ficção, sendo responsável pela divulgação da obra de Antonio Gramsci, Benedetto Croce (ambos traduzidos por Carlos Nelson Coutinho) e Curzio Malaparte (traduzido por Alexandre O’Neill), entre muitos outros que seria impossível listar nesta breve resenha.

⁶ Infelizmente, muitos títulos dessa coleção da Abril não eram traduções integrais da obra original, como é o caso flagrante de *Os noivos*. Houve, no entanto, uma edição brasileira completa do romance de Manzoni publicada por W. M. Jackson em 1947, com tradução de Raul de Polillo. Mais recentemente, em 1990, a mesma obra foi lançada pela editora Vozes, com tradução de Luiz Leal Ferreira; trata-se da única edição, traz o importante prefácio de Manzoni ao romance.

Depois da fase áurea da Editora Globo de Porto Alegre nas décadas de 1930-50 e das iniciativas da Civilização Brasileira, Zahar, Abril Cultural e muitas outras, os anos 1980 assistiram a uma nítida expansão e profissionalização do mercado editorial brasileiro. De acordo com dados do SEEC (Serviço de Estatística de Educação e Cultura), entre a década de 1960 e 90 a publicação anual de livros traduzidos do italiano saltou de 39 títulos, em 1960, para 136, em 1990⁷.

No início dos anos 80, a editora Nova Fronteira, com a "Coleção Grandes Romances", deu ao público brasileiro obras de Italo Svevo (*A consciência de Zeno*, em tradução de Ivo Barroso), Dino Buzzati (*As noites difíceis*, trad. de Fulvia M.L. Moretto) e o best-seller de Umberto Eco *O nome da Rosa* (trad. de Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade). Outro campeão de vendas foi *O leopardo*, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, lançado inicialmente pela Difusão Européia do Livro, em 1960 (trad. de Rui Cabeçadas), e posteriormente reeditado por grandes selos como a Record, também responsável pela edição dos *Sonetos luxuriosos* de Pietro Aretino (trad. de José Paulo Paes, 1981) e do romance *A História*, de Elsa Morante (trad. de Wilma Freitas Ronald de Carvalho, 1976).

Outras editoras brasileiras que, a partir dos anos 80, publicaram sistematicamente escritores italianos foram: a Rocco, com *É isto um homem?*, de Primo Levi (trad. de Luigi del Re, 1988), *A bruxa e o capitão*, de Leonardo Sciascia (trad. de Mario Fondelli, 1989), *Danúbio*, de Claudio Magris (trad. Elena Grechi e Jussara Ribeiro, 1992), *Afirma Pereira*, de Antonio Tabucchi (trad. de Roberta Barni, 1995), e *Vá aonde seu coração mandar*, de Susanna Tamaro (trad. de Mario

⁷ Nos mesmos anos, traduziram-se respectivamente 210 e 1378 títulos do inglês, 120 e 280 títulos do francês, 19 e 198 títulos do espanhol. Portanto, embora o montante de livros traduzidos do inglês constitua a grande maioria, o espanhol foi a língua que teve maior aumento relativo de edições no país, seguida do próprio inglês e do italiano.

Fondelli, 1995); a Imago, com *Romeu e Julieta e outros renascentistas italianos* (trad. de Lucia Wataghin, 1996) e *As duas solteironas*, de Tommaso Landolfi (trad. de Vera Horn, 1997); a Bertrand Brasil, que editou em 1988 o famoso diário de Cesare Pavese, *Ofício de viver* (trad. de Homero F. de Andrade), e também, entre outras obras importantes, *Os indiferentes*, de Alberto Moravia (trad. de Álvaro Lorenzini e Letizia Zini Antunes, 1988).

Já na área das obras de referência, merecem especial destaque o *Dicionário de filosofia* de Nicola Abbagnano, lançado primeiramente em 1970 pela editora Mestre Jou e reeditado em 1998 pela Martins Fontes (em ambas as edições, o coordenador da tradução foi Alfredo Bosi), bem como o *Dicionário de política* de Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino, lançado pela UnB em 1986 com tradução de Carmen Varriale e outros. Aliás, Bobbio foi um dos autores italianos mais publicados no Brasil, e por diversas editoras, sendo apenas superado, talvez, por Italo Calvino e Umberto Eco.

O fato é que, naquela altura, ou seja, entre o final da década de 1980 e o início dos anos 90, o mercado editorial brasileiro já havia alcançado tal complexidade que seria difícil até mesmo indicar, neste breve inventário, a enorme quantidade de autores italianos publicados no país.

Lançamento importante, por exemplo, foi a edição em 1996, pela Nova Aguilar, do volume *Poesia e prosa* de Giacomo Leopardi, organizado por Marco Lucchesi e traduzido num esforço coletivo por Álvaro Antunes, José Paulo Paes, Vilma de Katinsky B. de Souza, Alexei Bueno, Ivo Barroso e outros.

Apenas para que se possa ter uma idéia do fenômeno de expansão do nosso mercado editorial, só a editora Companhia das Letras publicou, a partir de 1990, quase toda a obra de Italo Calvino, vários livros de Roberto Calasso, Carlo Ginzburg, Giulio Carlo Argan, Primo Levi, Luciano Can-

fora, Eugenio Montale e muitos outros, entre os quais os recentíssimos Niccolò Amanniti, Margaret Mazzantini e Erri de Luca.

A propósito de Eugenio Montale, cujos *Ossos de sépia* foram traduzidos por Renato Xavier para a Companhia das Letras, é preciso ainda mencionar as traduções que Geraldo Holanda Cavalcanti vem publicando pela Record desde fins dos anos 90: Salvatore Quasimodo, Giuseppe Ungaretti e, a sair brevemente, Umberto Saba, além de uma seleta do próprio Montale.

Giuseppe Ungaretti também foi traduzido e publicado pela Ateliê Editorial em 2003, no volume *Daquela estrela à outra*, em “transcrições” de Haroldo de Campos e Aurora F. Bernardini.

No ano de 2000, a editora Cosacnaify iniciou a coleção literária “Prosa do mundo”, coordenada por Samuel Titan Jr., que já publicou o romance *Um, nenhum e cem mil*, de Pirandello (trad. de Maurício Santana Dias, 2001), e os *Diálogos com Leucó* (trad. de Nilson Moulin, 2001), de Cesare Pavese. A mesma editora também publicou dois livros de Elio Vittorini: *Conversa na Sicília* (trad. de Valêncio Xavier e Maria Helena Arrigucci, 2002) e, neste ano de 2007, *Homens e não*, que estava inédito no Brasil, também traduzido por Maria Helena Arrigucci.

Entre grandes, médias e pequenas editoras, os títulos de autores italianos se tornaram quase inumeráveis: as *Centúrias* de Giorgio Manganelli (ed. Iluminuras, trad. de Roberta Barni, 1995); *A tabela periódica* de Primo Levi (ed. Relume Dumará, trad. de Luiz Sergio Henriques, 1994); a *História de Florença* de Niccolò Machiavelli⁸ (ed. Musa, trad. de Nelson Canabarro, 1995); as *Reflexões* de Francesco Guicciardini

⁸ De Maquiavel, vale ainda lembrar as edições de *O príncipe* (ed. Atena, trad. de Livio Xavier, 1940), os *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio* (ed. UnB, trad. de Sergio Bath, 1979) e *A mandrágora* (ed. Abril Cultural, trad. de Mário da Silva, 1976; e ed. Brasiliense, trad. de Pedro G. Ghirardi, 1994).

(ed. Hucitec, trad. de Sérgio Mauro, 1995), os *Poemas* de Michelangelo Buonarroti (ed. Imago, trad. de Nilson Moulin, 1994). A lista é imensa e poderia ser estendida num calhamaço de páginas.

Antes de finalizar esta fala, faço uma simples menção aos dois últimos fenômenos editoriais vindos da Itália. Refiro-me a Andrea Camilleri e a Alessandro Baricco, ambos com vários títulos e tiragens vendidos no país; o primeiro, publicado pela Record e pela Bertrand Brasil, e o segundo, pela Iluminuras, Rocco e, atualmente, pela Companhia das Letras.

Evidentemente uma infinidade de autores, editores e tradutores ficaram de fora deste informe, cuja única intenção foi fornecer algumas pistas para uma futura e necessária bibliografia italianística de títulos traduzidos e publicados no Brasil.